

COMO SE DÁ O PROCESSO EDUCACIONAL TENDO COMO FATOR PANDEMIA – CODIV 19, NOS ANOS 2020 E 2021.

Gledson Freire Cavalcante ¹
Rondale Nogueira ²

RESUMO

A pandemia nos colocou frente ao desafio de pensar a escola, nos retirando a sala de aula, o ambiente que sempre foi o lugar de estabelecer os vínculos principais de mediações de conhecimento. Entende-se por tecnologia educacional, o conjunto de técnicas, processos e métodos que utilizam meios digitais e demais recursos como ferramentas de apoio aplicadas ao ensino, com a possibilidade de atuar de forma metódica entre quem ensina e quem aprende. A suspensão das atividades escolares foi uma medida direta e rápida tomada, a fim de conter o avanço do vírus. É na escola que acontecem as diversas formas de interação. Diante desse quadro, foi preciso rapidamente reinventar e resignificar a prática pedagógica desenvolvida nas escolas buscando formas para garantir a continuidade da aprendizagem. Diante disso este trabalho tem como objetivo investigar as atividades remotas no contexto de pandemia. A metodologia usada neste trabalho foi à pesquisa bibliográfica utilizando livros, revistas, artigos e dissertações que pudessem contribuir com a pesquisa em tese. No entanto, em meio à uma situação, como a que estamos vivenciando atualmente, o contexto favorece que as práticas de ensino remoto sejam repensadas e reavaliadas e resignificadas para que possam suprir a carência educacional frente ao desafio emergente das mesmas.

Palavras-chave: Educação. Ensino Remoto. Pandemia.

INTRODUÇÃO

Nos últimos meses temos acompanhando o quanto o Brasil e o mundo vêm enfrentando grandes dificuldades em virtude da crise sanitária causada pelo COVID-19. De acordo com Pasini et al. (2020) muitas são as formas de contaminação pelo vírus, que possui alta taxa de transmissão e um percentual assustador de letalidade. Do início da pandemia até a data de elaboração desta pesquisa, o Brasil já acumula o total de 179.765 óbitos em decorrência do COVID-19, hoje já ultrapassam mais de 500.000 (quinhentos mil) de pessoas mortas pelo vírus.

As principais medidas sanitárias de prevenção a disseminação do vírus são o uso de máscara, o isolamento social e a higienização constante das mãos. Pasini et al. (2020) afirma que o distanciamento social tem impactado diretamente na vida de todos os brasileiros, especialmente a área da educação, causando o afastamento presencial de docentes e discentes.

¹ Dr. FICS - Faculdade Interamericana de Ciências Sociais da Universidade Federal - UF, gledson.freire.cavalcante@email.com;

² Graduado em pedagogia ISEPRO, Randalenogueira@email.com;

Nesse contexto, Pansini et al (2020) afirma que o período da pandemia acarretada pelo Coronavírus trouxe uma ressignificação para a educação, que antes não era cogitada, as conversações a distância se intensificaram com o advento da internet e, no Brasil, a comunicação digital ganhou força após a metade da década de 1990, com o aparecimento dos canais de pesquisa e de conversação, especialmente das redes sociais.

De acordo com Hodges (2020), o ensino remoto emergencial difere da modalidade de Educação a Distância (EAD), pois a EAD conta com recursos e uma equipe multiprofissional preparada para ofertar os conteúdos e atividades pedagógicas, por meio de diferentes mídias em plataformas on-line.

De acordo com a Associação Brasileira de Ensino a Distância (ABED), a história da educação a distância no Brasil começou em 1904, com uma matéria publicada no Jornal do Brasil, onde foi encontrado um anúncio nos classificados oferecendo curso de datilografia por correspondência (ABED, 2011). De lá para cá, inovações e desenvolvimento tecnológicos têm proporcionado evoluções no EaD (Ensino à Distância).

Entretanto, oficialmente, a Educação a Distância surgiu pelo Decreto nº 5.622 de 19 de dezembro de 2005, que posteriormente foi revogado, perdendo sua validade. A educação a distância (EAD) está oficializada e regulamentada desde 2005 e, mesmo antes, no Brasil. Como afirma a supracitada lei, essa modalidade educacional ocorre quando a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem se faz com a utilização de meios tecnológicos e de comunicação, com pessoal qualificado, também com acompanhamento e avaliações compatíveis e que contribuam para alunos que estejam em lugares distintos e tempos diversos.

Segundo Santos (2020) o ensino remoto tem deixado suas marcas para o bem e para o mal. Para o bem porque em muitos casos, permite encontros afetuosos e boas dinâmicas curriculares emergem em alguns espaços, rotinas de estudo e encontros com a turma são garantidos no contexto da pandemia.

A partir do olhar dos educadores atento aos movimentos contemporâneos ciberculturais e educacionais, buscamos refletir a respeito de como a educação brasileira está se ressignificando ao longo do distanciamento social físico forçado pela Covid-19.

Com isso as tecnologias podem potencializar as práticas pedagógicas colaborativas, deixando pistas de que não se trata apenas da inclusão das tecnologias em ambiente escolar, mas sim de uma transformação de pensamento sobre o ato educativo.

Em momentos como atual, torna-se necessário repensarmos a educação e todos os seus processos. O educador e patrono da educação brasileira, Paulo Freire (1983) escreveu que “O homem está no mundo e com o mundo”. Se o homem estivesse apenas no mundo, não haveria transcendência e não interferiria na história desse mundo. Não poderia objetivar-se e, por consequência, não conseguiria distinguir entre um e o outro. As relações interacionais entre homens, mulheres e mundo ocorrem sempre numa perspectiva social, cultural, histórica, política e econômica. Homens e mulheres estão em constante interação com o mundo, produzindo e significando suas existências, por isso que não estão apenas no mundo, mas com o mundo, como bem anunciou Paulo Freire.

METODOLOGIA

A metodologia usada neste trabalho foi à pesquisa bibliográfica. Para Gil (2002, p. 44) “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Concordamos, então, que a pesquisa bibliográfica é baseada em livros e outra escrita, nem por isso nossa capacidade de redizer, reelaborar e até mesmo refutar este material já elaborado deixa de existir.

Cervo e Bervian (1983, p. 55) escrevem que a pesquisa bibliográfica como: “um problema a partir de referenciais teóricos publicados em documentos”. Por esta afirmação é possível inferir então que, quando o pesquisador se propõe a fazer uma pesquisa bibliográfica, está convicto que deverá, com base nessa pesquisa, explicar ou apresentar um resultado para uma determinada situação, que será sua contribuição para a ciência ou área de atuação.

A pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação. (BOCCATO, 2006, p. 266).

Como a pesquisa bibliográfica é um trabalho investigativo minucioso em busca do conhecimento e base fundamental para o todo de uma pesquisa, a elaboração de

nossa proposta de trabalho justifica-se, primeiramente, por elevar ao grau máximo de importância esse momento pré-redacional; como também justifica-se pela intenção de torná-la um objeto facilitador do trabalho daqueles que possivelmente tenham dificuldades na localização, identificação e manejo do grande número de bases de dados existentes por parte dos usuários.

TECNOLOGIA X EDUCAÇÃO: UMA CONTRIBUIÇÃO SOCIAL

A palavra tecnologia é de origem grega: *tekne* e significa “arte, técnica ou ofício”. Já a palavra *logos* significa “conjunto de saberes”. Por isso, a palavra define conhecimentos que permitem produzir objetos, modificar o meio em que se vive e estabelecer novas situações para a resolução de problemas vindos das necessidades específicas do ser humano. Enfim, tecnologia é um conjunto de técnicas, métodos e processos específicos de uma ciência, ofício ou indústria que tem por principal objetivo facilitar a vida do ser humano, dando-lhe mais comodidade, celeridade, entre outros.

A tecnologia surge, então, para facilitar a vida humana e seus afazeres, a partir do século XVIII com a Revolução Industrial e a ascensão do capitalismo às tecnologias desenvolvem-se em um ritmo acelerado, até atingir aos dias contemporâneos onde vemos a tecnologia muito mais avançada. Assim, a sociedade cada vez mais se torna tecnológica, inclusive na educação que necessita de especialização de suas ciências, tem se modificado a partir das tecnologias.

Entende-se por tecnologia educacional, o conjunto de técnicas, processos e métodos que utilizam meios digitais e demais recursos como ferramentas de apoio aplicadas ao ensino, com a possibilidade de atuar de forma metódica entre quem ensina e quem aprende.

Quando se pensa as tecnologias em Sala de Aula, vem à ideia e muito dos estudos falam sobre as TIC's (Tecnologias de Informação e Comunicação). Não é bem esse modelo de tecnologia que pretendo debater e sim as tecnologias trazidas pelos alunos em sala de aula como os celulares e aparelhos reprodutores de jogos e músicas, que estão acessíveis no cotidiano dos alunos e que podem ajudá-los em seu aprendizado.

Segundo Leopoldo (2002) devemos considerar que os estudos em relação ao uso de Tecnologias em sala de aula, abordam as TIC's (Tecnologias de Informação e Comunicação), tais como quadros digitais, computadores, entre outros, tecnologias que

não são acessíveis a todas as escolas e dificilmente falam de aparelhos como celulares, Mp3 e Mp4 que estão diretamente em posse dos alunos.

De acordo com Leopoldo (2002) as novas tecnologias surgem com a necessidade de especializações dos saberes, na verdade, o advento tecnológico é fruto da capacidade cognitiva do ser humano, em conjunto com sua curiosidade, sua capacidade de aprender, de construir conhecimento e de suas necessidades que variam de acordo com o tempo, espaço e contexto histórico-social. As Tecnologias da Informação e Comunicação, evocam um novo modelo educacional, com este modelo, pode-se desenvolver um conjunto de atividades com interesses didático-pedagógicos de acordo com sua demanda ou especificidade.

São muitos os desafios que a escola tem, com todo o conteúdo a confrontar, para orientar e utilizar as tecnologias, tendo que estudar criteriosamente, trocar experiências, desenvolver competências na atualidade.

A escola nesse momento deve repensar e redesenhar a prática pedagógica e os currículos, incorporados as TIC's em seu ambiente escolar, a princípio conceituar a cultura digital, assim:

A cultura digital é a cultura em rede, a cibercultura que sintetiza a relação entre sociedade contemporânea e Tecnologias da Informação (TI's). Ao mesmo tempo em que a cultura digital abriga pequenas totalidades e seus significados, mantém-se desprovida de fluxos, de conhecimentos e de criações, que dá corpo e identidade às organizações que delas se constituem (AMADEU, 2016, p. 20).

De acordo com Cavalcante (2012), trabalhar com as tecnologias (novas ou não) de forma interativa nas salas de aula requer: a responsabilidades de aperfeiçoar as compreensões de alunos sobre o mundo natural e cultural em que vivem. É indispensável, e também inerente ao ser humano, o desenvolvimento contínuo, que significa sua constante produção de conhecimento e de aprendizagem.

Alunos, professores e toda a equipe que forma o conjunto dos profissionais da educação (gestores, coordenadores, secretários, etc) quando trabalhando adequadamente com as novas tecnologias, constata-se que a aprendizagem pode se dar com desenvolvimento emocional, racional, da imaginação, do intuitivo, das interações, a partir dos desafios, da exploração de possibilidades, de assumir responsabilidades, do criar e do refletir juntos. Nesse sentido, a tecnologia pode ser utilizada como fator para promoção de uma educação de qualidade.

DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS PROFISSIONAIS NO ENSINO REMOTO

Com a popularização da tecnologia digital, experimentamos uma relação sem precedentes entre quantidade, velocidade e métodos de criação e disseminação de informações, alcançando inúmeras trocas, mudanças sociais e culturais, promovendo o surgimento de novas formas de pensar, sentir, agir e viver juntos.

Com o isolamento social, advindo da política de distanciamento as escolas e, por conseguinte alunos e professores se viram com a necessidade da utilização maciça de ferramentas digitais em substituição às aulas presenciais.

Este evento expôs severamente as insuficiências da educação no país. Podemos afirmar que algumas dessas insuficiências são a falta de formação específica para professores e o entendimento por parte da sociedade e o precário acesso da comunidade escolar a recursos tecnológicos, como computadores e internet de qualidade.

Diante desse quadro, foi preciso rapidamente reinventar e resignificar a prática pedagógica desenvolvida nas escolas buscando formas para garantir a continuidade da aprendizagem.

A readequação do planejamento, com a urgência requerida, foi uma estratégia para assegurar o direito universal à educação, conforme prevê a legislação vigente, por meio de um conjunto de ações que chamamos de atividades não presenciais.

Desde o início, deixamos claro que não estávamos falando especificamente ou somente de EaD porque a Educação a Distância tal qual conhecemos, pressupõe que ambos os atores tenham acesso à tecnologia, neste caso, alunos e professores. Uma das formas encontradas para que o aluno que está em casa continue aprendendo, foi a utilização da tecnologia ou a disponibilização de atividades impressas.

Segundo Souza, Franco, Costa (2016) a Educação a Distância (EaD) não pode ser a única solução, pois esta metodologia tende a exacerbar as desigualdades sociais já existentes, que são parcialmente niveladas nos ambientes escolares, simplesmente, porque nem todos possuem os equipamentos necessários para que se consolide qualitativamente a EaD em nosso país.

Se dentre as metas traçadas para garantir o direito ao acesso à educação, estiver apenas o for investimento em ferramentas digitais, certamente, contribuirá para uma piora na aprendizagem dos alunos a curta e em médio prazo, uma vez que, como dito

anteriormente, nem todos os alunos e professores têm acesso à internet e outras estruturas necessárias à EaD. Ao atrelarmos essa condição material à dimensão social e econômica, esta realidade pode se mostrar ainda mais alarmante e preocupante, visto que o Brasil é o sétimo país mais desigual do mundo.

Nós precisamos repensar o futuro da Educação, incluindo uma articulação apropriada entre o EaD e o Ensino presencial (UNESCO, 2020). Até porque, muitos no Brasil não têm acesso a computadores, celulares ou à Internet de qualidade – realidade constatada pelas secretarias de Educação de Estados e municípios no atual momento – e um número considerável alto de professores precisou aprender a utilizar as plataformas digitais, inserir atividades online, avaliar os estudantes a distância e produzir e inserir nas plataformas material que ajude o aluno a entender os conteúdos, além das usuais aulas gravadas e online.

Na pandemia, grande parte das escolas e das universidades está fazendo o possível para garantir o uso das ferramentas digitais, mas sem terem respaldo financeiro e o tempo hábil para testá-las ou capacitar o corpo docente e técnico-administrativo para utilizá-las corretamente.

Há ainda outros obstáculos graves, especialmente para alunos e professores mais empobrecidos, muitos deles localizados na periferia das grandes cidades ou na zona rural. Faltam computadores, aparelhos de telefonia móvel, software e Internet de boa qualidade, recursos imprescindíveis para um EaD que resulte em aprendizagem significativa.

Faura (2020) ainda nos mostra que no momento atual, muitas escolas, públicas e privadas, estão exagerando nas expectativas do que professores e familiares conseguem fazer. Diante de um contexto de tantas desigualdades, dúvidas, medos e incertezas. Há diferenças substanciais entre as famílias, atualmente, em confinamento.

Ainda conforme a autora, algumas famílias podem ajudar seus filhos a aprender mais do que outras. Fatores como a existência de pais e mães pouco ou não alfabetizados, o que representa um limite para a educação domiciliar, quantidade de tempo disponível para se dedicar aos estudos dos filhos, auxiliando-os com as aulas online, muitos pais estão em home office, são questões a serem levadas em conta quanto ao papel dos pais, dos governos (federal, estadual e municipal) e da sociedade em geral na educação dos filhos em tempos de pandemia. Toda essa situação gerará um aumento da desigualdade na Educação e no progresso do estudante.

A grande preocupação diante do cenário de pandemia é encontrar possibilidades e estratégias para reduzir os efeitos negativos do isolamento temporário, mas precisamos ficar atentos às provas que nos indicam lacunas de diversas naturezas que certamente serão criadas pela falta da interação presencial. Santos nos chama atenção para importante discussão.

Conforme Libâneo (2014) o novo professor precisaria, no mínimo, de uma cultura geral mais ampliada, capacidade de aprender a aprender, competência para saber agir na sala de aula, habilidades comunicativas, domínio da linguagem informacional, saber usar meios de comunicação e articular as aulas com as mídias e multimídias.

Quando pensamos na formação de professores, se é necessário considerar cinco aspectos pontuados por Nóvoa (2011), sendo eles, o conhecimento adquirido e desenvolvido por meio da prática; aprender com os mais experientes, o que o autor denomina de cultura profissional; o tato pedagógico, que leva em consideração aspectos mais subjetivo, como a relação e comunicação do docente com sua profissão; trabalho em equipe e participação no desenvolvimento do projeto pedagógico da escola; e por fim compromisso com a inclusão social e convivência com a diversidade cultural.

Almeida (2010) pondera sobre a complexidade de formar professores para atuar em novos espaços, tempos e culturas, como é o caso da formação on-line e também na atuação no EAD, pois se trata de mudanças de concepções, valores, práticas e até crenças. Este contemporâneo momento faz com que o sujeito mergulhe em uma nova cultura, reestruturando seu pensamento de acordo com os novos tempos.

Conforme Almeida (2010) alerta que embora as TDICs possibilitem uma informatização do ensino, a concepção de educação se fragiliza, tendo em vista uma certa passividade do aluno e também uma mecanização do processo de ensino e aprendizagem.

Perrenoud (2011) destaca que diferenciar é otimizar as situações de aprendizagem e, prioritariamente, aquelas que a escola propõe aos alunos que estão mais distantes dos objetivos ou que têm mais dificuldade para aprender.

O autor reflete que a diferenciação não deve ser confundida com a tutoria individualizada, mas na ação em que professor e estudante devem estar engajados e, quanto mais as situações de aprendizagem forem otimizadas, melhor será o percurso de formação deste aprendiz, ou seja, sem o presencial falta a observação diária para o professor tomar decisões e atuar à altura das dificuldades que o estudante apresenta.

Portanto diante desse cenário de incertezas existentes no contexto da pandemia, e nas experiências vivenciadas até o momento, tudo indica que possamos sair desta crise com um sistema educacional melhor e mais forte.

Com isso se faz necessário pensarmos que aprendemos com as dificuldades, nos adaptamos rapidamente, nos reinventamos e nos moldamos ao ambiente no qual estamos inseridos, nossa casa. Em momentos assim, grandes mudanças acontecem.

PONTOS E CONTRAPONTO DA EDUCAÇÃO NA PANDEMIA

A pandemia nos colocou frente ao desafio de pensar a escola, nos retirando a sala de aula, o ambiente que sempre foi o lugar de estabelecer os vínculos principais de mediações de conhecimento. A função docente desempenhada dentro desse lugar, onde professores, alunos e toda comunidade escolar se habituaram, já não é o espaço delimitado para essa função.

Como o movimento de uma sala de aula é marcado por uma rotina intensa de afazeres, o tempo de pensar sobre outras formas de ser e fazer a aula acabam sendo redimensionado para outros espaços de formação. Sempre falamos na transformação da escola, que precisamos repensar novos modelos, eis que a pandemia nos obrigou a mudar nossa linha de pensamento e, assim, complexificar as relações de ensino e aprendizagem, inclusive os contextos em que estas acontecem continuamente.

A suspensão das atividades escolares foi uma medida direta e rápida tomada, a fim de conter o avanço do vírus, é na escola que acontecem as diversas formas de interação.

Conforme Natasha Costa (2020), “a aprendizagem é uma ação que se dá na interação com o mundo, necessariamente mediada pelo outro, pela linguagem e pelo contexto social. Qualquer tentativa de isolar o processo de aprendizagem desses aspectos está fadada ao fracasso”. As famílias precisam contar com a presença e o apoio da escola, pois é preciso manter o vínculo do aluno com a aprendizagem, seja ela realizada na escola ou em casa. Esse novo tempo abriu muitas possibilidades de transformação.

A utilização das tecnologias em sala de aula não era um ponto forte para muitos professores, que de uma semana para a outra tiveram cursos de formação nessa área e em poucos dias, tiveram que aprender buscar, estudar e ainda aplicar com seus alunos.

Para Perrenoud (2002), para fazer as práticas evoluírem é importante descrever as condições e as limitações do trabalho real dos professores, partir desta compreensão é a nosso ver uma das alternativas capazes de potencializar os processos formativos que visam qualificar o ensino-aprendizagem na atualidade.

Existem metodologias que introduzem rupturas fortes, inconsultas e desestabilizadoras das relações rotineiras dos professores nas escolas, que os fazem reagir de diversas formas para preservarem a rotina ou se acomodarem, criando novas relações. A ruptura interna e permanente das relações, ou aquela forçada externamente a um grupo de professores, pode gerar no cotidiano desde disposição a mudanças.

As posturas precisam mudar frente ao fazer pedagógico pois nos remete a caminhar numa perspectiva dialética. Mostrar os caminhos para tornar este processo menos impactante, implica em uma tomada de decisões, mas, é preciso considerar que toda mudança deve ser percebida de acordo com cada contexto vivenciado pela comunidade escolar.

Está havendo um maior convívio de tempo com a família. A escola e o professor estão sendo mais valorizados pelas famílias, que agora percebem a quão árdua é essa tarefa de ensinar.

O fortalecimento da relação família-escola e de alguns valores como cooperação, solidariedade e empatia tem sido percebido e destacado diante do contexto pandêmico. Percebemos um maior questionamento do modelo de sociedade baseado no consumismo desenfreado e inconsciente e no lucro a qualquer custo.

Mas o maior ganho para a educação é o aprimoramento de ferramentas digitais para o trabalho e o ensino, especialmente à distância. Diante de tudo isso, é necessário repensar o papel da escola e da sociedade na formação das novas gerações a partir desse novo tempo em que estamos vivendo. Aquilo que faz sentido manter e o que devemos transformar

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com o que pesquisamos, vimos que o isolamento social, o trabalho remoto, o uso das tecnologias como ferramentas para mediar o processo de ensino e aprendizagem, as desigualdades no acesso e no uso as tecnologias escancararam as dificuldades que a escola, pais, alunos e professores possuem e encontrar mecanismos para proporcionar um ambiente de interação e incluí-los no processo ensino-

aprendizagem e, por conseguinte, implica em encontrar formas eficientes de aprender, escancarando as dificuldades que a escola tem de adaptar-se às novas rotinas.

Com isso, vimos que existem inúmeros desafios enfrentados pelos docentes também nos ambientes presenciais, desta maneira, se faz necessário refletir e repensar as práticas de formação de professores em tempos de pandemia. É evidente que a modalidade de ensino à distância, assim como a modalidade presencial, apresenta falhas e carece de investimentos e incentivos por parte do governo e de políticas educacionais. No entanto, em meio à uma situação muito particular e singular, como a que estamos vivenciando atualmente, o contexto favorece que as práticas de ensino remoto sejam repensadas e reavaliadas.

No entanto, em meio à uma situação, como a que estamos vivenciando atualmente, o contexto favorece que as práticas de ensino remoto sejam repensadas e reavaliadas.

Além das dificuldades encontradas, como a desigualdade de acesso às TICs e a complexidade da formação docente na modalidade à distância, destaca-se a falta de conhecimento sobre as potencialidades do ensino remoto, o que é reforçado com os escassos e lentos investimentos que regulamentam essa modalidade de ensino, sobretudo na educação básica.

É inquestionável que com a pandemia, a modalidade tenha se tornado imprescindível para dar continuidade nos processos educacionais. Mediante a isso, reforça-se a necessidade de se refletir os processos de formação docente, sobretudo uma formação voltada para o letramento digital, repensar, portanto, processos formativos iniciais que se dão durante a graduação em cursos de licenciatura, elaborar currículos com perspectivas mais democratizantes e plurais de ensino, que considerem a multiplicidade dos contextos históricos, culturais e sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A situação gerada pelo COVID-19 evidenciou questões já existentes no ensino presencial, agravou estas situações, e, ainda, antecipou outras, demonstrando a necessidade urgente de investimento massivo, em estrutura física e pessoal, para que possamos honrar o que determina nossa Constituição. (Carta Magna que legaliza e regulamenta nossos direitos).

Trouxe à tona, também, de forma bastante escancarada, a necessidade de formação docente para este “reinventar da escola”, uma vez posta, de forma que nos parece incontornável, a necessidade de finalmente invertermos a chave das práticas pedagógicas, promovendo um ensino ativo - cuja expressão, apesar de repisada, não encontra aplicabilidade efetiva na maior parte dos sistemas educativos - e tornando, a pedagogia, usuária ativa e indutora das tecnologias.

Entendemos que assentir a estas mudanças não significa aderir à ideia da substituição das escolas por plataformas EaD. Pois, outra observação que pode ser feita é que no momento de isolamento a mobilização das tecnologias para a aprendizagem escolar são insuficientes quando aplicadas isoladamente, e exige, em complementaridade, a presença ativa e constante do professor.

Ademais, mais do que nunca é inegável que a interação é ponto primordial das relações de ensino-aprendizagem e que a escola, muito mais do que um espaço onde depositam-se textos inertes aos estudantes, é espaço de atuação autônoma e coletiva, de vivências e interação, de relacionamento com o outro de forma física, presencial e humana, mas também uma instância onde as tecnologias podem e devem cumprir o importante papel de apoio dos processos de ensino e de aprendizagem. Isso porque o processo de aprendizagem é coletivo, conta com a curiosidade mútua, com a liberdade e interação que as crianças precisam ter para aprender.

Além disso, diante do desafio de alcance e manutenção do engajamento dos estudantes durante o regime especial de atividades, bem como de promoção do uso correto das plataformas digitais, para o alcance da aprendizagem significativa, quebrou-se o mito de que os estudantes desta geração são nativos que dominam com destreza qualquer tipo de tecnologia. Evidenciou-se que não temos angariado êxito na tarefa de preparar nossos alunos para que sejam aprendizes e estabeleçam uma relação ativa e investigativa com o conhecimento, tampouco para que usem as tecnologias para esta finalidade.

Apenas munidos por este cenário e tendo desenvolvido as competências necessárias para o letramento em cultura digital, poder-se acessar com tranquilidade e segurança o combate às tecnologias, adotando os recursos digitais como auxiliares da aprendizagem. Acreditamos que o mundo não será o mesmo, e o termo “voltar à normalidade” não fará sentido, pelo menos não em relação ao modelo de “normalidade” que vivemos até fevereiro de 2020.

É necessário que o caminho percorrido e as aprendizagens desenvolvidas pelas redes e profissionais da educação para enfrentamento deste período de pandemia sejam mantidos como heranças vivas, permitindo-nos melhor configurar a escola pós-pandemia.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini. **Transformações no trabalho e na formação docente na educação a distância on-line.** Em Aberto, v. 23, n. 84, 2010.

ALMEIDA, M.E.B; SILVA, M. das G. M. da. **Currículo, tecnologia e cultura digital: espaços e tempos de web currículo.** Revista e-curriculum, São Paulo, v. 7, n. 1, abril. 2011.

MADEU, S. **Diversidade Digital e Cultura.** 2016. Disponível em: http://portal-cultura.apps.cultura.gov.br/foruns_de_cultura/cultura_digital/artigos/?p=27418&m. Acesso em: 25 nov. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Brasília: MEC/SEESP, 2007.

BOCCATO, V. R. C. **Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação.** Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265- 274, 2006.

CAVALCANTE, M. B. **A educação frente as novas tecnologias: Perspectivas e desafios.** 2012. Disponível em: <https://escola-drxavierdealmeida.blogspot.com/2012/02/educacao-frente-as-novas-tecnologias.html> . Acesso em: 25 nov. 2020.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia Científica: para uso dos estudantes universitários.** São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

CIFUENTES-FAURA, J. **Consecuencias en los niños del cierre de escuelas por Covid-19: el papel del gobierno, profesores y padres.** Revista Internacional de Educación para la Justicia Social, Madrid, v. 9, n. 3e, p. 1-12, 2020. Disponível em: <https://revistas.uam.es/riejs/article/view/12216/12089>. Acesso em: 4 jun. 2020.

DAYRELL, Juarez (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura.** 1º Reimpressão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** vol. 4. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1995.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1983. p.27-41.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** São Paulo: Cortez, 2014.

MAIA, B. R.; DIAS, P. C. **Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19.** Estudos de Psicologia (Campinas), Campinas, v. 37, e200067, 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200067>.